QUARTA, 01 DE JUNHO

EIS-ME AQUI!

*“Na manhã seguinte, Abraão levantou-se e preparou o seu jumento. Levou consigo dois de seus servos e Isaque seu filho. Depois de cortar lenha para o holocausto, partiu em direção ao lugar que Deus lhe havia indicado.” (Gênesis 22.3)*

Abraão ouviu a voz de Deus e disse “eis-me aqui”. Como um servo que atende ao seu senhor, ele se colocou pronto a obedecer. “Eis-me aqui” é o mesmo que “pronto Senhor, pode dizer que estou aqui para obedecer”. O que Deus lhe mandou fazer não foi fácil de ouvir. Ele deveria sacrificar Isaque. O “eis-me aqui” não seria fácil de ser mantido, mas Abraão não recuou. Obedeceu, como vemos no verso de hoje. Na manhã seguinte ele se levantou, preparou o jumento e foi tornar realidade sua decisão de obedecer. Cortou a lenha, reuniu seu filho e mais dois servos e partiu. Abraão estava tomando as providências necessárias. Seu “eis-me aqui” não seria apenas palavras. Sua intenção de obedecer estava sendo transformada em ação.

Até onde vai nossa obediência? As vezes, no templo, após ouvir as Escrituras e os desafios que tantas vezes elas nos fazem ou as confrontações que denunciam nosso mal caminho, dizemos em nosso coração: “eis-me aqui!”. Em nosso coração temos a intenção de mudar, estamos convencidos de que precisamos obedecer e até imaginamos as providências que tomaremos. “Vou ser mais comprometido”, “vou abandonar meu pecado”, “vou contribuir”, mas na manhã seguinte nem sempre agimos como Abraão. Diante do que precisamos fazer, do esforço necessário e, talvez, da auto negação necessária, recuamos. E então já não queremos mais fazer o que havíamos decidido fazer. As vezes isso se torna um ciclo repetitivo, ao perdermos até mesmo o ímpeto de querer mudar. Entregamos os pontos e nos acomodamos.

Não há muitos “Abraãos” na Bíblia e nem na história. Mas cada um de nós pode ser um Abraão. Ele não foi perfeito mas creu e obedeceu. Ele enfrentou os desafios próprios de seu contexto e manifestou sua fé por meio de atitudes e providências que a confirmaram. É o que precisamos fazer, é o que tem faltado a muitos de nós. Precisamos dizer a Deus “eis-me aqui” quando Sua Palavra nos confrontar e precisamos agir. E o quanto antes tomarmos as providências, melhor e mais fácil será. O Espírito Santo é quem nos convence da vontade de Deus, bem como nos faz ter clareza de nossos maus caminhos. Como diz as Escrituras, se hoje ouvirmos a Sua voz, não endureçamos o nosso coração! (Hb 3.15) Obedecer é sempre melhor que sacrificar! (1 Sm 15.22).

*ucs*

QUINTA, 02 DE JUNHO

PERSEVERANÇA

*“Isaque disse a seu pai Abraão: ‘Meu pai!’ ‘Sim, meu filho’, respondeu Abraão. Isaque perguntou: ‘As brasas e a lenha estão aqui, mas onde está o cordeiro para o holocausto?’ Respondeu Abraão: ‘Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto, meu filho’. E os dois continuaram a caminhar juntos.” (Gênesis 22.7-8)*

Três dias depois do “eis-me aqui” dito a Deus, Abraão continuou decido e pronto a obedecer. Invejo sua firmeza e vejo nela uma indicação de como devo agir. O nosso desafio como cristãos não está em ter coragem para dizer “eis-me aqui”, mas em revelar perseverança na decisão que tomamos. Veja por exemplo essas palavras de Paulo: “Alegrem-se sempre. Orem continuamente. Deem graças em todas as circunstâncias” (1 Ts 5.16-18). O desafio não está em alegrar-se, orar ou ser grato. Mas no “sempre”, no “continuamente” e no “em todas as circunstâncias”. É esta perseverança, este compromisso contínuo, que nos leva ao mais profundo conhecimento de Deus.

O diálogo com Isaque não deve ter sido nada fácil para Abraão. Deus havia feito a ele promessas de torna-lo uma grande nação. Afirmou, mais de uma vez, que um filho seu com Sara seria o herdeiro. Ele já tinha cem anos quando Isaque nasceu. Mas agora Deus estava pedindo aquele filho em sacrifício. Haveria tempo para começar tudo de novo? Abraão estava enfrentando um situação em que poucos se sairiam bem. Veja o que disse para Isaque: “Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto, meu filho”. Desde sua primeira obediência, quando Deus lhe disse "Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei” (Gn 12.1), Abraão começou a conhecer o Deus a quem obedecia e aprendeu a confiar: Deus sabe o que faz.

Não acredito que Abraão soubesse que Deus pouparia seu filho, mas acredito que ele tinha certeza que podia confiar em Deus e obedecer. Não era a primeira vez que confiava e obedecia, e não estava disposto a recuar agora. Quanto mais obedecemos, mas estaremos prontos a obedecer. Por outro lado, quanto mais desobedecemos, mais difícil nos parece obedecer! Mas uma coisa é certa: sem obediência, não conheceremos a Deus verdadeiramente. Poderemos ter informações sobre Ele, mas elas não nos sustentarão nos momentos agudos. Não chegaremos a conhecer o quanto Deus age e provê para aqueles que nele confiam. O texto segue singelo: “E os dois continuaram a caminhar juntos.” E poderia ser acrescentado: “Sob os cuidados do Deus provedor”!

*ucs*

SEXTA, 03 DE JUNHO

SUBMISSÃO E VOLUNTARIEDADE

*“Respondeu Abraão: ‘Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto, meu filho’. E os dois continuaram a caminhar juntos.” (Gênesis 22.8)*

“Não temos o cordeiro para o holocausto, meu filho, porque isso ficou sob a responsabilidade de Deus. O cordeiro do holocausto será o que Ele quiser e não o que nós quisermos!” Abraão estava ali em obediência a Deus. Não foi uma ideia sua, foi um pedido de Deus. Não era um ato de voluntariedade, era um ato de submissão. Em nossa vida de fé a voluntariedade é muito importante, mas não há cristianismo verdadeiro sem a submissão. Nas muitas vezes que li este verso, o compreendi como simplesmente uma resposta evasiva de Abraão. Uma desculpa para sair da situação. Mas recentemente passei a compreende-lo sob outro prisma. O que Abraão estava mudando todo seu modo de ver e reagir à vida! Ele estava além da voluntariedade. Ele estava no solo da submissão.

Na voluntariedade oferecemos a Deus o que queremos. Na submissão, o que Deus quer. Para a maioria de nós a espiritualidade mal chegou ao nível da voluntariedade e muito distante está da submissão. Por isso é tão comum que nosso relacionamento com Deus esteja baseado em nossas expectativas de que Ele faça o que pedimos. Queremos que Deus faça a nossa vontade! Fazemos planos, tomamos decisões, perseguimos os próprios objetivos e oramos. Pedimos que outros nos ajudem a pedir que tudo aconteça conforme queremos. E muitas vezes chamamos a nossa vontade de “vontade de Deus”. Podemos e devemos pedir, dizer a Deus qual a nossa vontade. Mas devemos ter clareza de que é a nossa e não a dEle. E devemos aprender a buscar a vontade de Deus.

Jesus orou: “Não seja como eu quero, mas como Tu queres” (Mt 26.39). Ele nos avisou que seria necessário abrir mão da nossa vontade (Lc 9.23). O exemplos bíblicos dos que viveram pela fé revelam pessoas que não tiveram tudo sob controle e que precisaram confiar e obedecer, dando um passo de cada vez. Na maioria das vezes não se sentiram poderosos fazendo o que Deus queria, mas frágeis! Aprenderam a submissão. O desafio era ouvir a Deus e fazer Sua vontade, e não o de ser ouvido por Deus e ter a própria vontade realizada. Na fé cristã, no seguimento a Jesus, não basta voluntariedade. É preciso submissão! Fazer a vontade de Deus e oferecer a Ele o cordeiro que Ele nos pede, e não o cordeiro que nos pareça viável. Na voluntariedade nos revelamos. Na submissão, Deus se revela a nós. E o cristão é alguém que conhece a Deus e não apenas a si mesmo!

*ucs*

SÁBADO, 04 DE JUNHO

ANDAR COM DEUS

*“Mas o Anjo do Senhor o chamou do céu: ‘Abraão! Abraão!’ ‘Eis-me aqui’, respondeu ele. ‘Não toque no rapaz’, disse o Anjo. ‘Não lhe faça nada. Agora sei que você teme a Deus, porque não me negou seu filho, o seu único filho.’” (Gênesis 22.11-12)*

Quando Deus falou com Abraão para pedir o sacrifício de Isaque, Ele o chamou uma vez: “Abraão” (Gn 22.1). Mas agora, para substituir Isaque por um cordeiro que Ele próprio providenciou, chamou por Abraão não apenas uma, mas duas vezes. Podemos dizer que Deus está mais interessado em prover e livrar do que em pedir e nos ocupar. Mas não saberemos disso até que sejamos obedientes e nos coloquemos na posição de servos e, a Ele, como verdadeiramente o Senhor de nossas vidas. Mais uma vez Abraão respondeu como era devido: “eis-me aqui”. Pela vontade de Deus ele subiu ao monte para sacrificar Isaque e sabia que Deus tinha o direito de interferir, se desejasse. A ele cumpria dizer “eis-me aqui”.

Se estamos fazendo a vontade de Deus, então devemos estar submissos e receber com atitude de servo as interferências de Deus. Se cremos que Ele está no comando, então devemos ficar atentos pois Ele pode mudar, e na maioria das vezes muda, a direção dos fatos. Quando estamos fazendo a nossa vontade as interrupções e obstáculos nos irritam. Não aceitamos questionamentos e muito menos mudanças. Gostamos de ter o controle, mas dizermos que Deus está no controle. Ao ler as Escrituras é chocante ver como os heróis da fé não sabiam, de fato, onde tudo chegaria e nem o que era o aspecto principal do que estavam fazendo. Certo escritor disse que Paulo acreditava que sua mais importante obra era as igrejas que fundou. Mas estava enganado.

A principal obra de Paulo foram as cartas que escreveu. Nenhuma das igrejas que fundou existe e nada nos diriam hoje sobre a fé que receberam. Mas as cartas estão entre nós até hoje e nelas lemos sobre o Evangelho que os alcançou. Imagino a alegria de Abraão – um cordeiro providenciado por Deus para substituir seu filho. Mas, há algo além disso: quem ele se tornou por meio da obediência! Abraão tornou-se o homem que não negou a Deus o próprio filho! O cristão que somos não é o cristão que sonhamos, desejamos ou intencionamos ser. Mas o cristão que revelamos ser por meio de atitudes e ações. Não o que “achamos certo”, mas o que “fazemos de certo”. Não o “amor que sentimos”, mas os “atos de amor que praticamos”. No final, a questão é: que somos diante de que Deus é? E a resposta estamos dando diariamente, por meio de nossa submissão e obediência, ou pela falta delas!

*ucs*

DOMINGO, 05 DE JUNHO

FÉ CRISTÃ E FÉ RELIGIOSA

*“Pois pela graça que me foi dada digo a todos vocês: ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, pelo contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu.” (Romanos 12.3)*

A fé cristã e a fé religiosa são aparentadas, mas não são equivalentes, ou seja, não são a mesma coisa ou tem a mesma importância. A primeira é o corpo, a segunda uma roupa que colocamos no corpo. Elas podem manter uma relação muito saudável e harmônica, mas podem divergir e a “roupa” em lugar de servir o corpo, prejudicar-lhe a saúde, constituindo-se em num desvio que dificulta em lugar de apoiar. Isto porque a fé religiosa, que advém da cristã e que serve para torna-la visível por meio de expressões práticas como cultos, normas, ritos, templos, etc., tem a possibilidade de assumir a primazia, como se fosse ela o corpo e não apenas a roupa. E, como sabemos, a roupa jamais deveria valer mais que o corpo.

Quando a fé religiosa domina a espiritualidade de um cristão, um sintoma muito comum é a inversão de valores: a forma assume a primazia sobre o conteúdo. Tornamo-nos mais sensíveis em relação às regras, normas e aos hábitos, que em relação às pessoas. Amamos mais o que deveríamos amar menos, e menos, o que deveríamos amar mais. Como os fariseus que preocupavam-se com o sábado e desprezavam as pessoas, o lavar as mãos do que o manter puro o coração! E então torna-se necessário lembrar que o sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado. E que o que contamina, é o que nos sai de nós, vindo do coração! A grande dificuldade de se ter essa percepção é que, a inversão de valores que a religiosidade produz nos deixa insensíveis e cegos. Especialmente com relação a nós mesmos! Coamos um mosquito e engolimos um camelo (Mt 23.24).

A fé cristã endereça-se ao nosso mundo íntimo e interior. Conversa com nossa autoimagem, intenções e propósitos. A fé religiosa nos deixa em paz com nosso orgulho e prepotência, a fé cristã não. Ela nos manda crucificar o ego num processo diário de buscar uma visão equilibrada de nós mesmos, segundo a fé que temos em Cristo. E faz isso para que possamos nos manter atentos para o dever de amar e servir, muito mais do que para a preocupação e apego em observar o sábado. O fruto da fé cristã é um caráter em aperfeiçoamento e orientado pelo amor, que não faz mal ao próximo. Que tudo sofre, crê e suporta. Por isso, uma maneira de avaliarmos nossa fé no Evangelho é responder com a máxima honestidade: Será que não estamos nutrindo um conceito mais elevado do que deveríamos, a respeito de nós mesmos? Considere a maneira como lida e serve às pessoas. Está nisso a resposta.

*ucs*

SEGUNDA, 06 DE JUNHO

PESSOAL, MAS NÃO INDIVIDUAL!

*“Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros.” (Romanos 12.4-5)*

A fé cristã nos insere num ambiente de fé, numa comunidade, a que Paulo gosta de referir-se como “um corpo”. Um corpo do qual a cabeça é Cristo e no qual cada cristão é um membro, uma parte. Esta metáfora paulina tanto ilustra a igreja no sentido universal, que reúne todos os cristãos de todos os tempos e lugares, como é o modelo que deve inspirar cada cristão em sua igreja local, temporal. Esta declaração de Paulo vem logo após sua orientação para que não pensemos sobre nós mesmos além do que convém (Rm 12.3). Ele nos orienta a nutrir uma auto imagem equilibrada pela graça de Cristo, pois a maneira como nos vemos determina a maneira como nos relacionamos. E assim Paulo nos coloca diante da responsabilidade de considerar nossos problemas com os outros a partir de quem somos e não a partir de quem o outro é, para que nossas dificuldades não sejam fruto de nossa presunção ou autocomiseração.

Muitas vezes nosso conflito com o outro é, na verdade, nosso conflito conosco mesmos. Muitas vezes nosso problema somos nós, e não o outro! Jesus, os escritos do Novo Testamento e também do Antigo Testamento, nos declaram que, embora pessoal, a fé cristã não é individual. E por isso sempre nos colocará diante do outros e do dever de nos unir a eles para formar “um corpo”, uma comunidade. E na vida em comunidade seremos provados e aparecerá nosso coração e revelaremos nossa auto imagem em atitudes e posturas. Nosso cura e crescimento está em aprendermos a ser ramos da mesma videira (Jo 15), amando uns aos outros e servindo uns aos outros. Jesus disse que é assim que o mundo saberá que o Pai o enviou. Nos lábios de Jesus a vida comunitária em amor não é uma opção. E é, inclusive, o que autentica nossa mensagem como mensagem cristã!

A vida comunitária é mais desafiadora que o individualismo que tem se tornado a marca do nosso tempo e que é uma contradição da fé ensinada por Jesus! Somos diferentes e temos dons diferentes e isso é necessário. É pela diversidade que um corpo é formado. É pela diversidade de funções que ele cumpre sua missão! É pelo amor que poderemos estar ligados uns aos outros e sermos aperfeiçoados! E o obstáculo a isso é a maneira equivocada com que nos vemos. Por nos faltar equilíbrio, falta-nos humildade e sabedoria para ser parte do corpo e servir! É no corpo que somos exigidos, provados e desafiados a demonstrar que Cristo é, de fato, nosso Senhor e Mestre. Não é apenas “no mundo” que a fé é provada, mas, sobretudo “no corpo”. No exercício de amar, perdoar, servir, cooperar, cuidar, incluir, acolher e aprender a valorizar e respeitar o outro, tanto quanto a nós mesmos.

*ucs*

TERÇA, 07 DE JUNHO

MISSÃO: AMAR

*“O amor deve ser sincero. Odeiem o que é mau; apeguem-se ao que é bom. Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios.” (Romanos 12.9-10)*

O sinal mais evidente e autêntico da fé cristã são os nossos relacionamentos. Não é a única evidência, mas das evidências, é certamente a mais importante. Jesus declarou que seus discípulos seriam reconhecidos pelo amor, pelos relacionamentos (Jo 13.35). Não são os ritos ou as liturgias e muito menos as regras que observamos que nos fazem cristãos. , embora em nossa forma de cultuar e no cuidado com nosso procedimento possamos ter ritos, liturgias e regras. Porem, a questão central é: onde está o seu irmão? A mesma pergunta feita por Deus a Cain (Gn 4.9). Quando Deus a faz a ele, o mal já havia sido praticado. O mal que coloca em risco o outro, a exemplo de Cain, brota dentro de nós. Se, em lugar de cortá-lo pela raiz lhe damos espaço, fracassamos em nossa mais elevada missão: amar! Esse fracasso é, na prática, a negação a Jesus e à nossa identidade como cristãos!

Amar é nossa missão: amar a Deus e ao próximo! E devemos ter cuidado para que nosso amor não se corrompa. Ele deve ser sincero, verdadeiro. Não deve ser fruto de interesses e nem ser uma encenação: "Olá amado!" Fazendo do amor um clichê. Amar é coisa séria! Devemos odiar o mal, pois ele corrompe o amor e o nega. Precisamos da ajuda de Deus para que o mal não seja um agente oculto, ignorado. Pois o mal sempre faz o seu trabalho! Visto que amar é nossa missão, os piores males são os que alimentam e promovem a falta de amor. Entre eles: fofoca, amargura, divisões, invejas, orgulho, e coisas semelhantes. Devemos nos apegar ao que é bom como quem segura firme numa corda e dela depende para manter o equilíbrio. A misericórdia, a bondade, a amabilidade, a alergia, o domínio próprio, a paciência e coisas semelhantes exemplificam o que é bom! O que é bom é fruto do Espírito (Gl 5.22).

E se o amor a nossa missão, então o próximo é o nosso campo missionário! Por isso devemos nos dedicar uns aos outros com amor que acolhe, respeita e aceita: amor fraternal. Aprendendo a dar honra mais aos outros que a nós mesmos. Isso significa que não devemos ficar resumidos ao que nos interessa, à nossa vontade, mas privilegiar nosso próximo e servi-lo. Porém, alguém pode questionar: nossa missão não é anunciar o Evangelho, pregar Jesus e chamar pecadores ao arrependimento? Exatamente. Por isso precisamos amar. Pois o Evangelho é o amor de Deus de tal maneira. Somos chamados a amar e assim viver o Evangelho! Ainda que nada falemos, ele estará sendo anunciado. Mas, sem amor, ainda que falemos, ele estará sendo negado! Afinal, aquele que não ama, não conhece a Deus. Pois Deus é amor! (Jo 4.8) Viva sua missão: ame!

*ucs*

QUARTA, 08 DE JUNHO

A PRÁTICA DE QUEM AMA

*“Nunca lhes falte o zelo, sejam fervorosos no espírito, sirvam ao Senhor. Alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação, perseverem na oração. Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades. Pratiquem a hospitalidade.” (Romanos 12.11-13)*

Nossa missão é amar! E amar é agir como quem ama! Somos chamados a fazer da vida uma experiência de amor, tudo fazendo com amor e por amor. Não custa lembrar: na vida cristã, se não for por amor, não tem valor! É o que Paulo claramente afirma em 1 Coríntios 13.1-3. Portanto, precisamos aprender a amar! E aprenderemos, amando, agindo como quem ama. As orientações de Paulo neste texto são atitudes que alimentam o amor. Zelo é empenho, esforço, dedicação na busca de fazer o melhor. Um espírito fervoroso é o entusiasmo que promove nosso zelo e dedicação ao que fazemos. Acredito que o “sirvam ao Senhor” esteja relacionado a Colossenses 3.23: “Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens”.

Em seguida Paulo nos pede três atitudes que, embora não pareça, estão diretamente ligadas à nossa capacidade de amar: alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação e perseverem na oração. A esperança refere-se às promessas e ao futuro certo que temos com Deus – “Na casa de meu Pai há muitas moradas, não se perturbem interiormente” (Jo 14.1-2). Portanto, tenhamos paz pois as aflições são temporárias e próprias desta vida – “Neste mundo vocês terão aflições”, disse Jesus (Jo 16.33). Orar é nos expor a Deus para sermos mais sensíveis e recebermos direção para vida. Orar nos fortalece para alegrar-nos na esperança e sermos pacientes da tribulação. E tudo isso nos livra da autocomiseração e do egoísmo. A vida pode ser dura, mas não precisa ser amarga! Nossa dor não deve nos tornar incapazes de amar!

E por fim ele nos orienta a que sejamos generosos. Pesquisas revelam que, em média, as pessoas que tem menos são mais generosas que as pessoas que tem mais. Quem justifica a falta de generosidade por ter pouco e quem se agarra ao que tem ao ponto de não conseguir compartilhar, embora tenha muito, sofre do mesmo mal – não está praticando o amor. E, como afirmou João, “aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4.8). O texto termina com “pratiquem a hospitalidade”. Hebreus diz o mesmo, e acrescenta: “foi praticando-a que, sem o saber alguns acolheram anjos.” (Hb 13.2) Jesus diz que Ele próprio é nosso hospede quando somos hospitaleiros (Mt 25.38-40). Amar é uma questão de atitude e ser cristão, uma questão de amar: a Deus e ao próximo!

*ucs*

QUINTA, 09 DE JUNHO

VOCACIONADOS PARA AMAR

*“Abençoem aqueles que os perseguem; abençoem, e não os amaldiçoem. Alegrem-se com os que se alegram; chorem com os que choram. Tenham uma mesma atitude uns para com os outros. Não sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior. Não sejam sábios aos seus próprios olhos.”*

*(Romanos 12.14-16)*

Reações podem ser o grande calcanhar de Aquiles de todos nós. Um das dificuldades em ter reações adequadas é, justamente, o fato de ser a reação uma ação que adotamos como resposta nem sempre pensada e, muitas vezes, puramente emocional. Por não ser uma ação originária, mas derivada, temos a tendência a pensar que o que a causou a justifica. Ou seja: se fomos agredidos, podemos agredimos; se fomos desrespeitados, temos o direito de desrespeitar. Bateu, levou! Mas a fé cristã nos propõe um caminho diferente. Um caminho inspirado em Jesus, e não no senso comum. Um estilo de vida orientado por princípios, em que, antecipadamente, decidimos as atitudes e as reações que teremos em nosso dia a dia. Como seguidores de Cristo, o princípio mestre da vida é o amor.

Dele, todos os demais devem derivar. Na vida cristã o amor é a ação fundamental que deve produzir suas próprias reações. Ao lidar com aqueles que nos tratam como inimigos, devemos trata-los como a amigos! Inspirados pelo amor, não podemos nos acomodar à inveja que nos impedem de nos alegrar com os que se alegram e muito menos abrigar a maldade ou o ressentimento que nos levam a celebrar o fracasso do nosso próximo. Isso contaminaria nosso coração e o distanciaria do coração do nosso Mestre! Por amor, devemos desenvolver a virtude de nos alegrar com os que se alegram e de chorar com os que choram. Companheirismo! Amizade e compaixão. É esse nosso chamado, nossa vocação. Diante de um mundo sem amor, sermos amorosos, bondosos e cheios de graça, como nosso Mestre.

Nos círculos eclesiásticos fala-se muito em vocação, mas geralmente ignoramos a vocação para amar. E, se fracassamos nessa vocação, que é central, como poderemos cumprir qualquer outra? Facilmente seremos corrompidos pelo orgulho no cumprimento das demais vocações, e fracassaremos, ainda que tenhamos sucesso. A falta de amor nos leva a julgar, discriminar e desprezar, em lugar de servir. Ela é o indicador e a medida de nosso relacionamento com Cristo: quanto mais amor demonstramos, mais próximos estamos de Cristo! Portanto, antecipadamente, abracemos a missão de amar e aproveitemos cada encontro, circunstância e incidente para amar. Jamais justifiquemos nossas reações desamorosas. Devemos confessá-las a Deus como pecados e pedir perdão. Um cristão ama e jamais acomoda-se até que ame como tem disso amado por Deus.

*ucs*

SEXTA, 10 DE JUNHO

BOM, ÉTICO E PACIFICADOR

*“Não retribuam a ninguém mal por mal. Procurem fazer o que é correto aos olhos de todos. Façam todo o possível para viver em paz com todos.” (Romanos 12.17-18)*

Como cristãos precisamos superar o vício religioso de relacionar a fé cristã ao que acontece dentro do templo e nos esquecer do tipo de pessoas que somos fora dele. O que as Escrituras falam sobre crer em Cristo implica em mudanças em nossa vida, em renovação na forma de pensar e agir, tanto que Paulo chegou a dizer que trata-se de nos tornarmos pessoas novas, novas criaturas (2 Co 5.17). Não é a mudança que nos faz cristãos, mas o fato de sermos cristãos, seguidores de Jesus, nos levará a mudanças. Não se trata de observar regras religiosas, como faziam os judeus: guardar o sábado, não comer certas comidas, lavar as mãos, observar ritos de oração. Mas de aprender a amar.

O amor é o fundamento de toda virtude cristã. No Reino de Deus, sem amor, não tem valor. O amor inspira-nos ao que é justo, saudável e correto. Se estamos comprometidos em amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, estamos no caminho certo para sermos pessoas melhores, portadoras das virtudes que devem marcar a vida dos que seguem a Jesus. E é isso que Paulo está dizendo no texto de hoje. Quando alguém nos fizer mal, devemos escolher o caminho do amor e não retribuir com o mal. Pois o amor nos faz bondosos. Se o amar é nosso compromisso de vida, seremos éticos, pois o amor não busca seus próprios interesses e nem se alegra com o que é injusto. O compromisso de amar nos fará mais pacientes e seremos pacificadores, verdadeiros seguidores do Príncipe da Paz.

Um cristão deve desenvolver suas habilidades para servir a Deus e ser um bom colaborador na igreja. É edificante ouvir os que tocam e cantam bem. É maravilhoso ouvir um bom pregador e sermos ajudados a conhecer as Escrituras por aqueles que a conhecem bem. Fazem muito bem aqueles que servem na igreja e dela participam, que dedicam-se nas diversas tarefas dos diversos afazeres da vida eclesiástica. Por mais simples que seja a tarefa, quando feita com amor e por amor, é uma grande benção. Mas, por amor a Deus e às pessoas, devemos viver fora do templo como pessoas bondosas, éticas e pacificadoras. Nossas atitudes fora do templo devem confirmar nossas atividades e presença no templo. Afinal, seguir a Jesus é uma questão de vida, de caráter e de atitudes.

*ucs*

SÁBADO, 11 DE JUNHO

COMPROMETIDOS COM O BEM

*“Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem.” (Romanos 12.21)*

Simples assim, mas nem por isso fácil! Este é o verso que fecha o capítulo 12 da carta Aos Romanos. É um verso fácil de memorizar, inclusive de memorizar o seu “endereço” nas Escrituras: Romanos, capítulo 12, versículo 21! O versículo tem os mesmos números do capítulo, apenas invertidos! Que tal memoriza-lo? Você consegue. E lhe fará bem. Escreva-o num papel e coloque-o em um lugar bem visível, em que possa lê-lo cada manhã. Mais uma coisa: coloque-o em prática. Isso mostrará a você muitas coisas. Mostrará como você é frágil e muito mais capaz de saber o que é certo do que de fazer o que é certo! E verá o quanto precisa da graça de Cristo! Mostrará como o mal procura nos alcançar das mais variadas formas e vindo de tantos lugares diferentes. Ele é muito estratégico!

Mostrará como ele é sedutor e como se utiliza de nossos desejos e explora nossos instintos. Entenderá que, quando Paulo diz “não se deixem vencer”, é porque ele dizer “não” ao mal será sempre uma luta e, algumas vezes, intensa. Mas a responsabilidade será sua, sempre. Caberá a você não se deixar vencer, independente da estratégia, da tentação do mal. Verá que jamais deve brincar com o mal e que dizer “não” a ele, o quanto antes, é sempre melhor! Mas verá também que, por mais poderoso ou convincente ou sedutor que o mal possa ser, ele pode ser vencido pelo bem. Ocupar-se do bem, decidir ser um agente do bem e escolher coloca-lo em prática sempre é o melhor antídoto contra o mal. Quanto mais ocupado e decidido a fazer o bem, menos espaço haverá para o mal em sua vida. O compromisso com o bem é um escudo contra o mal!

O bem deve ser usado como prevenção contra o mal. Quando começamos o dia buscando a presença de Deus e refletindo nas Escrituras, recebemos inspiração para isso. Mas o bem também deve ser usado como remédio contra o mal: se alguém praticar o mal contra você, não se vingue, não “dê o troco”, não “pague na mesma moeda”, mas perdoe, mostre amor, seja misericordioso. Vença o mal com o bem! Pagar o mal com o mal é mais fácil e até desejável, a princípio. Responder com o bem, mais difícil e parecerá nem fazer sentido às vezes! Mas muito rápido perceberemos o quanto o bem é melhor que o mal! E nesta luta, poderemos contar com o apoio de Deus. Não importa quão fracos sejamos, Seu poder é perfeito para atuar nos fracos quando eles comprometem-se com o bem! (2 Co 12.9) Portanto, não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem. Hoje e por todos os dias de sua vida!

*ucs*

DOMINGO, 12 DE JUNHO

ADORAÇÃO

*“Esta é a minha oração: que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção, para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irrepreensíveis até o dia de Cristo, cheios do fruto da justiça, fruto que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus.” (Filipenses 1.9-11)*

Adorar a Deus é algo de que falamos e ouvimos com muita frequência. Mas, o que e quando realmente adoramos a Deus? Como em outras dimensões de nossa existência em que podemos nos enganar com formas e aparências, também na adoração a Deus isso acontece. Frequentemente cantamos para adorar a Deus, mas, de fato, o adoramos com nossas canções? Quando honramos a Deus com os lábios mas temos o coração distante dele, o que nossos lábios dizem de nada vale (Mt 15.8). Podemos até viver com muita rigidez, mas se o que seguimos são regras humanas, nossa austeridade para com o corpo em nada honra a Deus (Mt 15. 9). Se não amarmos a Deus e às pessoas e vivermos guiados pelo amor, fracassaremos na adoração.

Por isso Paulo disse aos Filipenses que a sua oração era para que eles amassem cada vez mais. Que o amor os levassem à maturidade. Um amor não apenas emocional, mas caracterizado pelo conhecimento e pelo discernimento. Um amor de atitudes e ações, que se revelasse por escolhas sensatas. A falta de amor nos leva a perder tempo e energia com o que é de pouca ou nenhuma importância. Tantas vezes, não é por bobagens que criamos caso? Quando nos falta amor ficamos sujeitos a isso. Sem amor facilmente criamos uma tempestade num copo de água! O amor é paciente e pacificador. Quando agimos sob a influência do amor agimos com mais sabedoria. E é o amor que nos fortalece para vivermos de forma ética. O amor fortalece o caráter e aprimora a conduta.

Por amor podemos crescer e amadurecer para viver de forma correta (palavras, atitudes e ações). Tanto aos olhos de Deus, que vê o interior, como também diante dos homens, pois somos levados a produzir, pelo amor, frutos da justiça, que vem por meio de Cristo Jesus e que resulta em glória e louvor a Deus. Aprendendo e crescendo no amor, aqueles irmãos adorariam a Deus. O mesmo aplica-se a nós. Adoração é fruto do que somos e fazemos porque amamos a Deus e às pessoas. Sem amor, ainda que realizemos milagres, conheçamos todos mistério e pratiquemos sacrifícios a ponto de morrer como mártires aos olhos humanos, não adoraremos, não terá valor algum (1 Co 13.1-3). Como amar e crescer no amor? Crendo no amor de Deus, nos deixando ser amados por Ele e escolhendo amar nosso próximo com o amor que Deus nos ama!

*ucs*

SEGUNDA, 13 DE JUNHO

A IMAGEM DE DEUS

*“Vocês, orem assim: Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome.” (Mateus 6.9)*

A oração é uma das mais importantes expressões de nossa espiritualidade e da fé que abraçamos. Ouvir uma pessoa orando fala muito sobre sua fé e sobre seu Deus. Mesmo sendo parte da mesma igreja e abraçando a mesma religião, algumas vezes a nossa fé e nosso Deus não são os mesmos. Quem está certo? Jesus nos ofereceu uma oração para, entre outras coisas, servir de parâmetro para nossa fé e nossa oração. Para que no nosso Deus seja o Seu Deus e a nossa religião não seja um desvio. Já se passaram mais de dois mil anos desde a vinda de Jesus e antes dele já havia ideias sobre Deus e orações sendo feitas. Ele veio consertar as coisas e nos dar a oportunidade de criticar nossa fé, nossa oração e "avaliar" o nosso Deus. Segundo Jesus, a primeira coisa é entendermos o tipo de relação que devemos ter com Deus.

Jesus ensinou que aquele que crê deve olhar e buscar a Deus como um Pai. Não se trata de um juiz ou de um rei para quem a forma, tantas vezes, importa mais que o coração. Deus não se impressiona com os ritos e formalidades. Ele vê o coração para responder à petição, como se canta no hino. Trata-se de uma relação de amor, de pertencimento: somos Seus filhos em Cristo Jesus. E como Seus filhos, transmitimos informações sobre quem é esse nosso Pai. Por isso, disse Jesus na oração, “santificado seja o teu nome”. Que, ao relacionarem-se conosco, diante de nossas atitudes e valores de vida, outros saibam quem Tu És. Que transmitamos uma boa imagem de quem És! O Evangelho não cabe em sentenças e afirmações: ele precisa de uma vida para ser anunciado. Chamar a Deus de Pai envolve honrar Seu nome diante dos homens sendo uma expressão viva do Evangelho de Jesus de Nazaré.

A fé cristã é para ser encarnada e não encenada. Ela não é para ritos e liturgias apenas. Ela exige atitudes e protagonismo. Ela não nos convida a desistir da vida, sublimar as dificuldades, mas engajar-se na história e enfrentar as lutas. Tudo de um jeito cristão, inspirado por Jesus. Um cristão deve ser na vida uma boa imagem para Deus. Nossas oração falam muito sobre nossa fé, mas não tanto quanto nosso comportamento, o modo como lidamos com problemas, tratamos as pessoas. O tipo de cônjuge, pai, mãe, filho, amigo, patrão, empregado... enfim, o tipo de pessoas que somos. Não é o domingo que declara aos outros quem é o nosso Deus, mas a segunda-feira e os demais dias. Não o que fazemos no templo, mas como vivemos a vida. “Pai, santificado seja o teu nome!”

*ucs*

TERÇA 14 DE JUNHO

O REINO QUE VEIO E QUE PRECISA VIR

*“Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.”*

*(Mateus 6.10)*

A oração que Jesus ensinou aos discípulos e que ficou para nós na história, não é simplesmente uma prece a ser repetida, embora possamos orá-la eventualmente. É uma oração que elucida a fé. Ela anuncia que Deus se dispôs a vir e envolver-se com a história humana. Que Deus vaio participar da nossa história. Não é uma oração que nos pede para sair do mundo, mas que clama a Deus para que o Reino dEle venha ao nosso mundo e que a Sua vontade seja feita entre nós. Em lugar de construir muros que separam o reino dos homens do Reino de Deus, ela propõe que o Reino de Deus invada esteja entre os homens e a vontade de Deus seja feita em suas vidas. A fé cristã tem a ver com o Reino e a vontade de Deus.

O Reino veio a nós em Cristo e nos foi dado, ofertado. O Reino de Deus chegou a nós, mas na oração Jesus nos ensina a pedir por ele! Porque a vinda do Reino não nos afeta até que nos envolva e transforme. É assim que o Reino toma lugar entre nós. Neste sentido ele já veio e ao mesmo tempo precisa continuar a vir, para ser estabelecido em nossas vidas. Quando o Reino de Deus se estabelece a vontade de Deus é feita, mais que a vontade do homem. Não existe Reino de Deus quando o que impera é a vontade do homem, pois o Reino de Deus é a manifestação da vontade de Deus. O Reino de Deus é o Reino do fruto do Espírito (Gl 5.22). Nele o amor, a alegria, a paz, a paciência, a amabilidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão e o domínio próprio estão presentes e podem ser vistos e experimentados.

O Evangelho de Jesus nos anuncia a chegada do Reino de Deus e a Sua oração confirma isso. É na medida que cremos e nos submetemos que o Reino de Deus se estabelece. Ele tem chegado a nós por meio daqueles a quem alcançou e chegará a outros a partir de nós, na medida em que nos alcançar. Palavras podem ser usadas, mas é nossa vida que realmente prega o Evangelho e anuncia o Reino. Os que são alcançados pelo Reino de Deus não se tornam juízes do reino dos homens, mas sinais, porta-vozes, anunciadores do Reino de Deus. Tendo recebido o Reino, aprendem a fazer a vontade de Deus e demonstram como é viver no Reino, e quão boa, perfeita e agradável é a vontade de Deus (Rm 12.2).

*ucs*

QUARTA, 15 DE JUNHO

O PÃO, NOSSO!

*“Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia.” (Mateus 6.11)*

O pão, na oração, não pode ser meu. Precisa ser nosso. Orar ao Deus de Jesus terá sido uma experiência verdadeira se nos capacitar mais a “calçar os sapatos do outro” e partilhar. A ser menos egoístas e individualistas e nos lembrar mais do nosso irmão, do nosso próximo. Gosto muito das palavras do salmista: “Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o Senhor tem compaixão dos que o temem; pois ele sabe do que somos formados; lembra-se de que somos pó.” (Sl 103.13-14) O Deus revelado por Jesus em Sua vida e em Sua oração é um Deus que se importa com a vida e necessidades dos homens. Que deixou o céu e veio intervir na fome que há por aqui. Fome de tantos tipos, inclusive de pão. Que encontra-se comigo, na minha individualidade e pessoalidade, para levar-me a viver para além de mim mesmo. Ele me supre para que eu seja mais capaz de pensar em você.

Deus sabe do que sou feito. Das experiências que me moldaram. Pontos fortes e fracos. Ele sabe onde meu sapato aperta, conhece intimamente a beleza e a dor da minha história. Minhas virtudes e vícios. As minhas, as suas e as de todos. Em Cristo, Ele veio a nós como alguém que não tinha onde reclinar a cabeça. Foi mais pobre que as raposas e as aves. Elas tem covil e ninhos, mas Ele nada teve. Ele não reagiu à escassez com dureza ou insensibilidade. Foi compassivo e manso. Veio por amor e amou. Amou até o fim! Porque somos fracos no amor, somos duros e insensíveis. Mas Deus não é! O nosso cotidiano e básico importam para Deus e uma de nossas tragédias é incluí-lo apenas no eventual e no espetacular. O pão de cada dia precisa ser incluído em nossa oração. Precisamos aprender a lidar com a vida em comunhão com Deus, em todas as coisas. Mesmo naquelas que pensamos ser capazes para resolver sozinhos. Deus não é um prestador de serviços. Ele se fez nosso amigo!

O pão de cada dia representa todos os aspectos materiais de nossa vida. Devemos reconhecer a Deus como nosso provedor. Fizemos do mundo um lugar de escassez e, por isso, um lugar de tão pouca alegria e satisfação. Sem Deus seremos vítimas da escassez deste mundo, ainda que não nos falte pão. Mas com Deus seremos resposta a ela. Pois não podemos pedir por nossas necessidades e contribuir com a escassez, sendo gananciosos e egoístas. O Evangelho que nos ensina a olhar para cima e confiar na provisão de Deus nos manda olhar ao lado e suprir a necessidade do irmão. Nas Mãos de Deus o pouco que temos alimenta a muitos! Se cremos que Deus se importa, devemos nos importar. Se cremos que Deus nos dá, devemos ser doadores. A experiência de orar não deve nos desligar da terra. Ao contrário, deve nos enviar ao mundo como sinais da presença do Deus que se importa!

*ucs*

QUINTA, 16 DE MAIO

PERDÃO: É PRECISO DAR PARA RECEBER!

*“Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.”*

*(Mateus 6.12)*

Muitas vezes Jesus é surpreendente na forma como coloca as coisas. Como alguém que viveu entre nós os valores do Reino de Deus, orientou-se pelos princípios do Reino de Deus e buscou, sobretudo e em primeiro lugar, o Reino de Deus, não é de se estranhar que seus posicionamentos e afirmações nos surpreendam. Somos, em vários aspectos, fruto do reino dos homens. Estamos acostumados a uma lógica que não é a lógica do Reino de Deus. A do Reino de Deus nos parece ilógica e, em alguns casos, loucura. Acredito que seja por isso que esta parte da oração me intrigue. E talvez intrigue a você também. Se Jesus, antes de ensina-la aos discípulos, a escrevesse e me enviasse pedindo opinião, certamente eu sugeriria ajustes.

Acho mais lógico dizer: “Perdoa nossas dívidas e ajuda-nos a perdoar nossos devedores como o Senhor nos perdoa”. Faz muito mais sentido do meu jeito que do jeito dele, concorda? Mas é claro que estou errado. Penso assim porque ainda não estou moldado pelo Reino de Deus tanto quanto preciso. Ainda sou portador da lógica do reino dos homens. Jesus me leva a entender que não posso esperar de Deus o que não estou disposto a dar ao meu próximo. E isso me parece estranho. É uma responsabilidade que não me agrada. Não sabia que a graça que me torna aceitável a Deus me faz responsável pelo meu próximo. Achava que a vida de fé era apenas eu e Deus! Mas, nas palavras de Jesus, se me apresento a Deus para adorar, Ele logo vai me perguntar: “Onde está o seu irmão?” (Gn 4.9 e Mt 5.23-24). Como Cain, resisto a Deus: “Sou eu o responsável por ele?” Nas palavras de Jesus, sim. Sempre.

Jesus me faz ver que o meu próximo faz parte da minha fé. Não posso ir a Deus sem leva-lo junto. Minha fé em Deus tem a ver com minha relação com meu próximo, porque o Deus que me ama, o ama e me manda amá-lo! Não posso pedir que me perdoe se não estou pronto a perdoar meu próximo! Gostaria de discutir e mudar o modo como as coisas são no Reino de Deus, mas não é possível. Preciso aceitar esse novo modo e me converter. E eu pensava que “me converter” seria apenas dizer umas palavras! Preciso aprender a crer de maneira inclusiva: Deus, eu e o próximo. Antes de olhar para cima, preciso olhar para o lado e agir como alguém que já compreendeu: pedir o perdão a Deus começa por dá-lo a todo que pecar contra mim. É como as coisas são no Reino de Deus e é essa a forma de orar que Jesus ensinou.

*ucs*

SEXTA, 17 DE MAIO

A TENTAÇÃO E O MAL

*“E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém.” (Mateus 6.13)*

Você acredita que Deus ouve e responde as orações que fazemos? É preciso crer pois “sem fé é impossível agradar a Deus”, diz o escritor da carta Aos Hebreus. E continua: “quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam.” (Hb 11.6). Este é um aspecto importante da oração: crer que Deus ouve e responde nossas orações! Mas há um outro aspecto: o que pedimos precisa ser ético aos olhos de Deus. Mesmo cheios de fé, podemos não ser atendidos se nossos pedidos tiverem motivações reprováveis. Tiago faz a seguinte afirmação em sua carta: “Quando pedem, vocês não recebem, pois pedem por motivos errados, para gastar em seus prazeres.” (Tg 4.3) Obter o que queremos nem sempre será uma resposta de Deus à nossa oração! Ainda que tenhamos orado, se nosso nossas motivações forem egoístas!

Mas há pedidos que devemos fazer e que, não há dúvida alguma, estarão alinhados com o coração de Deus. Não há como pedirmos a Ele para que nos ajude a vencer as tentações e o mal e isso não estar alinhado com a Sua vontade para nós. Ele não nos quer caindo nas tentações que nos alcançam e muito menos sendo corrompidos pelo mal que nos cerca! Porém, pedir isso a Deus não deve significar uma transferência de responsabilidade. Não é isso que Jesus está sugerindo na oração. Deus disse a Cain: “saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo.” (Gn 4.7) Na luta contra a tentação e contra o mal, precisamos da ajuda de Deus, mas a responsabilidade é nossa! Por isso devemos ser previdentes e evitar o quanto possível a ambos!

Há um ditado muito interessante: o diabo a todos tenta, mas há pessoas que são uma tentação para o diabo! Há pessoas que se expõe à tentação, conscientemente envolvendo-se em situações, locais e com pessoas que deveriam evitar. E, uma vez expostas, não conseguem resistir e repetem o que desejavam evitar! Essa é uma atitude oposta à oração. Como cristãos devemos ser sábios evitando o mal e fugindo da tentação. Somos fracos e não devemos nos expor e muito menos brincar com eles. Lembro-me de um outro ditado: se não quer comer o cozido, então não destampe a panela! Pedir a Deus livramento envolve também assumir as atitudes corretas, evitando situações que nos expõem à tentação e ao mal! Ao orar, peça livramento em relação à tentação e ao mal. Mas tenha também as atitudes de quem quer evitá-los ao longo do seu dia!

*ucs*

SÁBADO, 18 DE MAIO

A ORAÇÃO

*“Mas quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está no secreto. Então seu Pai, que vê no secreto, o recompensará.” (Mateus 6.6)*

A oração é uma importante expressão de nossa espiritualidade. Nossa oração deve ser sincera e ter como alvo unicamente a Deus. Não deve ser uma forma de impressionar outras pessoas muito menos um símbolo de grandeza espiritual. Os religiosos judeus fizeram da oração um símbolo de status. Eles gostavam de orar em pé, no meio das pessoas, chamando atenção para si mesmos. O problema não estava em orar em pé ou em meio às pessoas, mas na motivação e na expectativa com que faziam isso. Jesus dizia aos seus discípulos que não seguissem a conduta daqueles religiosos. A oração não deveria ser mais um rito em nossa vida.

A oração deve ser o momento mais íntimo de nossa relação com Deus. Ela pode acontecer em ambiente público, mas é quando acontece em um ambiente privado, onde somente eu e Ele participamos, é que me possibilitará toda a profundidade e beleza que posso desfrutar. É no secreto, entre eu e Deus, que posso dizer toda a verdade sobre mim mesmo. Posso expor minhas feridas e maldades, pedir ajuda e perdão. Posso assumir meu embaraço e dúvidas diante da vida, bem como minha infantilidade, egoísmo, orgulho, inveja ou raiva... tudo, enfim, que atesta o quanto sou fraco, falho e imaturo. Ele já sabe de tudo isso, mas eu preciso falar. Ele me conhece, mas eu preciso me conhecer melhor. E isso sempre acontece quando sou verdadeiro diante dEle.

Quando oramos, Deus sempre ouve e cuida. O que Ele faz com tudo que dizemos é muito peculiar e não se pode prever, mas podemos confiar, pois será sempre o melhor. As vezes Ele rapidamente vira é responderá. Em outras apenas ouvirá. Não veremos nenhum movimento! Mas nosso Pai Celeste jamais se ausenta desse encontro que a oração possibilita e sabe muito bem o que fazer. Assim vamos descobrindo que orar é, sobretudo, uma maneira de estar com Deus e exercitar a fé. E é essa a grande conquista da oração: aprender a estar com Deus e a confiar em Seu amor. Quanto mais é assim, mais verdadeira é a oração e mais crescemos como pessoas e como cristãos. Antes que saia a primeira palavra de nossos lábios, Ele tudo já sabe! Mas fará uma grande diferença em nossa vida se dissermos a Ele tudo, com todo nosso coração. Jamais deixe de orar!

*ucs*

DOMINGO, 19 DE MAIO

FÉ COM JEITO PRÓPRIO

*“Como prisioneiro no Senhor, rogo-lhes que vivam de maneira digna da vocação que receberam.” (Efésios 4.1)*

A fé cristã não é a fé da boa vontade. Explico: não experimentamos a fé cristã se fazemos dela o que desejamos e a vivemos segundo nossos critérios. Ela tem seu próprio jeito e não poderemos ser cristãos ao nosso próprio modo. Não se trata de estilo e nem de tradição. Alguns acham que o modo da fé cristã tem a ver com estilo, normalmente algo mais clássico, e outros a relacionam com tradições, ou seja, com o modo como nos acostumamos a fazer as coisas. Em termos de estilo e de tradição, a fé cristã tem múltiplas faces, e uma, necessariamente, não é mais sagrada que outras. Ela comporta a diversidade, mas tem um jeito próprio. A fé cristã é a fé da submissão a Deus e da comunhão com o irmão. Pois a fé cristã é a fé do amor a Deus acima de tudo e do amor ao próximo como a nós mesmos!

A fé cristã é pessoal. Só é cristão quem pessoalmente crê e rende-se a Deus. Não posso ser cristão com a fé do outro, ainda que seja meu pai ou minha mãe. E nem o batismo pode me fazer um cristão. Ela não é a fé do rito. Os ritos na fé cristã podem apenas exemplificar e testemunhar. Eles não realizam, por si, coisa alguma! É preciso envolvimento pessoal pois ela é uma fé pessoal. Mas ela não é um fé individual. Precisamos vive-la como Jesus a ensinou e como a igreja primitiva a praticou: em comunhão e cooperação, como Corpo de Cristo. A fé cristã é comunitária. A figura é a de um corpo do qual somos as diversas partes, com diversas funções, e Cristo é a cabeça. É no desafio e no privilégio da vida comunitária que a fé cristã é praticada e amadurecemos para o Reino de Deus.

No âmbito da pessoalidade, a fé cristã nos chama para uma vida ética, para darmos lugar ao Espírito Santo de modo que Ele produza em nós o Seu fruto (Gl 5.22). Isso nos faz novas pessoas, com novas prioridades, com novas atitudes: cidadãos do Reino de Deus. No âmbito da coletividade ela nos chama a servir, a aprender e ensinar, a dar e receber, a unir nossas forças para que o mundo sinta o impacto da presença do Reino, cuja expressão máxima é o amor e não o poder. No âmbito pessoal somos embaixadores de Cristo (2 Co 5.20). No coletivo somos comunidade do Reino (1 Pd 2.9-10). E isso nos faz igreja: gente que se reúne e se espalha para honrar a Cristo. A fé cristã tem seu próprio jeito e ele confronta dois descaminhos que nos adoecem como cristãos: nossa superficialidade e nosso individualismo. Será que não estamos em algum deles?

*ucs*

SEGUNDA, 20 DE MAIO

HUMILDADE E DOCILIDADE

*“Sejam completamente humildes e dóceis, e sejam pacientes, suportando uns aos outros com amor. Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.” (Efésios 4.2-3)*

Para vivermos de modo digno, compatível com a vocação cristã, é preciso escolhermos um caminhos difícil: o da humildade e da docilidade. Não apenas em certas circunstâncias, em alguns dias. Não apenas quando as circunstâncias nos são contrárias, mas também quando "o jogo estiver a nosso favor". Precisamos escolher o caminho da humildade e da docilidade diariamente e fazê-lo com todo coração. Devemos ser completamente humildes e dóceis. Humildade é modéstia, é a ausência de pretensões que alimentam o ego e a vaidade. Não é timidez nem insegurança, muito menos falta de credenciais ou de méritos. É a atitude de quem escolhe não se valer deles. E mais: de quem escolhe servir e doar-se. A humildade dirige-se a nós mesmos e lida com nosso ego!

Docilidade é bondade, paciência, amabilidade. É tratar o outro com respeito e consideração, não apenas como uma resposta ao modo como formos tratados, mas como uma atitude que escolho, independente da atitude do outro. Não apenas quando houver um interesse em jogo e desejarmos cativar para obter. A docilidade visa o próximo e não a nós mesmos! A completa humildade e docilidade são parte de “todo o esforço” que devemos realizar para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Na fé cristã a paz é um vínculo, um compromisso que determina como devo me relacionar. É mais que apenas o resultado de como me relacionei! Ela atua a priori e determina o tipo de atitude que terei em meus relacionamentos. Este é o caráter pacificador da fé cristã, que nos faz bem-aventurados e filhos de Deus (Mt 5.9).

Nossas dificuldades relacionais certamente têm relação com nossa falta de humildade e de docilidade. As palavras do apóstolo colocam sob nossa responsabilidade o modo como nossas diferenças com os outros têm acabado. Influenciados pelo orgulho e agindo de modo duro estaremos nos desviando do seguimento a Cristo, de tomar sobre nós o Seu jugo e aprender com Ele a humildade e a mansidão que o caracterizam (Mt 11.28-30). Ser completamente humilde e manso, esforçando-nos diariamente para sustentar a paz em nossos relacionamentos é, sem dúvida, um caminho difícil. Mas é este o caminho cristão. Há outras opções, mas são, no máximo, religiosas e nelas terei me desviado da fé que me envolve com Jesus.

*ucs*

TERÇA, 21 DE MAIO

UNIDADE

*“Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos.” (Efésios 4.4-6)*

A fé cristã é a fé da unidade, pois é a fé do amor. Não é a fé da uniformidade, pois não é a fé da regra. Para haver uniformidade é preciso que todos façam tudo do mesmo jeito, tenham o mesmo tempo para o que fazem e gostem ou aceitem fazer as mesmas coisas. Para haver unidade as exigências são maiores e mais nobres. A unidade é mais valiosa que a uniformidade e se realiza pelo amor, humildade, docilidade, paciência, bondade, amabilidade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. O Espirito Santo é o promotor da unidade e a falta dela revela que nos falta submissão a Ele. O Espírito Santo produz em nós o Seu fruto quando nos submetemos e o resultado é que nos tornamos capacitados e comprometidos com a unidade que exalta a Deus.

Somente sob a influência do Espírito Santo é que nos veremos envolvidos neste mistério: sermos um em Cristo. Um só corpo em que somos partes diferentes, com funções diferentes, mas trabalhando pelo o mesmo fim, com o mesmo propósito. Um só Espírito, que nos leva à vontade de Deus que é sempre boa, perfeita e agradável (Rm 12.2) e nos livra de embaraços e conflitos que nossas vontades tantas vezes produzem. Todos inspirados pela esperança única e aprendendo a superar as decepções geradas por nossas expectativas conflitantes. Pois se em nossa vida houver um só Senhor, haverá uma só fé, nosso batismo, ainda que tenha diferindo na forma, terá sido o mesmo na essência e anunciado o nosso Senhor e Salvador único: Cristo.

Um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos! Se cremos nisso, não há como não sermos mais unidos. O Deus que me ama, ama você. Que age com poder sobre a minha vida, age sobre a sua! Que leva-me a conhecer e ter o privilégio de fazer Sua vontade, faz o mesmo com você! Sua graça que alcança Francisco, alcança Chico! Não há distinção entre homens e mulheres, jovens e idosos, negros e brancos, ricos e pobres, instruídos e não instruídos. O segredo é a fé que se manifesta pelo amor. Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmo! E assim opera-se um milagre: todos são levados a Um para serem um, para a glória de Deus.

*ucs*

QUARTA, 22 DE MAIO

A VIDA NA IGREJA

*“E a cada um de nós foi concedida a graça, conforme a medida repartida por Cristo.(...) E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado”*

*(Efésios 4.7, 11 e 12)*

A fé cristã é pessoal, mas não é individual. Ela adoece quando somos levados a uma vida superficial ou individualista. Para ser saudável ela precisa de profundidade, coração e mente, propósitos e intenções. Nossas ações, liturgias ou ritos somente serão verdadeiramente cristãos se forem reflexos do que nos habita. Ser cristão é ser parte de alga maior: o Reino de Deus. Que se manifesta na história pelo Corpo de Cristo, que é a comunidade de fé. Ser alcançado por Cristo é ser incluído na comunidade dos alcançados, para servir e crescer. Todos temos um papel e um lugar nela, não segundo nossas ambições, mas de acordo com a vontade de Cristo, que é a cabeça do corpo. No reino dos homens, nosso lugar depende do nosso talento e de nossa luta para alcançar a posição pretendida. No Reino de Deus não: nosso dom conta, mas é a vontade de Cristo que determina.

Uma comunidade de fé não deve ser um lugar de ambições humanas, da hierarquia do orgulho. Nela o que há é serviço, ministério. Não importa onde esteja, você é apenas um servo. Conforme o dom e segundo a vontade de Cristo, cada um de nós tem um lugar para servir. Ninguém tem motivos para gloriar-se de seu serviço ou de seu lugar no corpo. Ninguém tem motivos para se ressentir de seu serviço ou se seu lugar no corpo. Se isso acontecer é porque ainda não entendemos o significado de sermos Corpo de Cristo. Somos todos importantes e nosso Mestre graciosamente nos incluiu em seu corpo para servirmos de todo coração. Como Paulo ensinou aos coríntios, “Há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos. A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum.” (1 Co 12.4-7)

A igreja tem a vocação de manifestar a vida como ela é no Reino de Deus. Deve cumprir o papel de Corpo de Cristo na história! Seu alvo não é o tamanho, é a saúde. Como cristãos somos chamados pra o Reino e entregues à igreja como dádivas para o serviço. Precisamos superar o egoísmo e aprender o altruísmo, interessando-nos pelos anseios dos outros e não apenas pelos nossos. Precisamos ter visão mais saudável de nós e nos libertar de ambições egoístas. A humildade deve ser cultivada de modo a preferirmos dar honra aos outros e não a nós mesmo. Servindo assim, aprenderemos e ensinaremos outros a servirem. E uma igreja é saudável e cristã, e cresce para glória de Deus e não para a vaidade humana, quando é constituída assim, de servos. Não somos clientes, associados e muito menos consumidores. Não se trata da nossa vontade, mas da vontade de Deus em Cristo! É desafiador, mas é esse padrão de vida para uma igreja cristã.

*ucs*

QUINTA 23 DE MAIO

O SERVO E A VAIDADE

*“E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo.” (Efésios 4.11-13)*

Vaidade. Este é um sentimentos muito comum entre nós e, infelizmente, a igreja não está livre desse mal. As diversas funções citadas por Paulo para a vida na igreja jamais devem alimentar sentimentos de grandeza ou vaidade. Elas indicam nosso serviço, segundo a graça que Cristo concede, de acordo com Sua vontade. São funções que devem promover a maturidade na igreja e não a diferenciação entre seus membros. É para que sejamos preparados para a obra do ministério, o serviço cristão, e não para que alcancemos status religioso. Não há razão de orgulho ou vaidade quando exercemos o dom que recebemos de Cristo. O que deve nos habitar é um profundo sentimento de gratidão e de responsabilidade. Do contrário nosso ego tomará a frente e agiremos de forma contrária ao Evangelho de Cristo. Faremos da vida na igreja algo muito parecido com a vida em qualquer organização humana. E fracassaremos.

A vaidade não inspira à cooperação, mas sim à competição. Nem ao cuidado, mas à inveja. E dessa forma alimenta divisões e boicotes. E, não poucas vezes, isso acontece na igreja. Se não for como me agrada então não conta com meu apoio. Se não for com quem eu quero, então não tem a minha presença. E é bem fácil que não seja nem como me agrada e nem com quem eu quero, pois a vaidade é difícil de satisfazer. Sempre falta algo. A vaidade adoece a igreja e, se dominar aqueles que a lideram, o faz rapidamente. A igreja deve ser o ambiente em que a vaidade seja vencida pela humildade. Tanto na vida pessoal como em nossa estrutura e forma de funcionar. A vaidade é um grave desvio, tantas vezes dissimulado, mas jamais oculto aos olhos de Deus.

Na igreja os holofotes devem estar em Cristo, e apenas nele, para que todos o vejamos com clareza e o sigamos, e experimentemos unidade de fé e cresçamos nele, que é a Cabeça. Como quem fixa o olhar à frente para não perder o equilíbrio, assim devemos fixar o olhar em Cristo, imitá-lo e nele amadurecer. A vaidade e tantas outros sentimentos que produzem divisões, fofocas e coisas parecidas são sintomas de nossa imaturidade. Como João Batista devemos dizer: “Importa que Ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30). Nossa grandeza está em nossa pequenez. Nosso valor, na consciência de que, se fizermos tudo, se cumprirmos todo o nosso dever, apenas teremos nos tornado “servos inúteis”, pois cumprimos apenas nossa obrigação (Lc 17.10). A estatura pretendida por Deus para nós é a de Cristo. E isso significa ser completamente servo. E ser servo tem tudo a ver com humildade, e nada a ver com vaidade.

*ucs*

SEXTA, 24 DE MAIO

IGREJA: DISPENSÁVEL OU NECESSÁRIA?

*“O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro.” (Efésios 4.14)*

A fé cristã tem sido passada de geração a geração, mas não sem percalços e dificuldades. Não sem que desvios de todos os tipos minem a consistência espiritual das comunidades cristãs e seus membros. Mas é na vida como Corpo de Cristo que o Evangelho segue na história. Na medida em que cada cristão torna comunitário o dom que recebeu pela graça de Cristo. O fortalecimento da igreja é a mais consistente forma de legar às gerações futuras a mensagem do amor de Deus, e de fortalecer cada cristão para não venha a ser vítima de enganos. Cada um de nós é parte fundamental nesse processo. Nos países em que as igrejas se enfraqueceram o Evangelho diminuiu em meio à sociedade. É verdade que há necessidade de melhorias e mudanças na igreja, mas ela não é dispensável em nossa jornada cristã.

Atualmente, poucas pessoas são parte apenas de uma única igreja e aprendem de um pastor apenas. A maioria é membro do tipo *multi-igreja* e ovelha do tipo *multi-pastor*. Isso não é, necessariamente, algo negativo. Pode-se tirar grande proveito disso e conheço pessoas que se beneficiam. Nenhuma igreja é perfeita e nenhum pastor é completo. Mas cabe considerar que isso exige mais maturidade e o zelo que foi identificado por Lucas nos cristãos bereanos (At 17.11), que verificavam a coerência do que ouviam com as Escrituras. Por outro lado, há um número crescente de pessoas que tem se afastado de igrejas, passando a viver um cristianismo privatizado. São cristãos sem-igreja que exercem um auto-pastorado. Cansaram-se de ambos: de igrejas e de pastores.

Porém o fortalecimento e o crescimento espiritual propostos pela fé cristã acontecem, de modo apropriado, no envolvimento e comprometimento com uma comunidade de fé e em meio aos seus desafios. Nosso amadurecimento espiritual exige muita coisa que falta à visão multi-igreja e à visão sem-igreja. Podemos discutir a forma como nos organizamos para sermos igrejas e é sempre desejável que avaliemos isso. Não há um modelo perfeito. Mas a fé cristã nos convida à comunhão, à cooperação e à união uns com os outros. Quando aprendemos a ser parte, a servir, a nos unir pela fé tendo os olhos em Cristo, então podemos cooperar e experimentar o poder terapêutico e transformador da vida na igreja. E comprovar que ela não é dispensável, mas necessária e fundamental.

*ucs*

SÁBADO, 25 DE JUNHO

IGREJA: CORPO DE CRISTO

*“Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função.” (Efésios 4.15-16)*

Paulo inicia a carta Aos Efésios afirmando que, em Cristo, já fomos abençoados com toda sorte de bençãos espirituais nos lugares celestiais (Ef 1.3). Uma expressão difícil de compreender. Mas que, sem dúvidas, refere-se ao fato de que Cristo realizou uma obra completa para nossa salvação e vida cristã. Ele já fez tudo que não poderíamos fazer por nós mesmos. Agora a igreja, a quem Paulo repetidamente chama de Corpo de Cristo, precisa fazer o que ela pode fazer. Ela é chamada a agir em seu próprio benefício, pelo exercício dos dons que cada cristão já recebeu. Um exercício que promove amadurecimento e crescimento, até que alcancemos a estatura e maturidade de Cristo. Somos parte de algo maior que recebe o nome místico de Corpo de Cristo e existe na história para manifestar a presença do Reino de Deus.

A igreja não tem saúde sem amor e sem verdade. Sem que sigamos a verdade em amor. A verdade é mais que uma doutrina, é uma pessoa. Por isso a igreja cresce nele, em Cristo, e não em si mesma ou para si mesma. Seu crescimento pode envolver números, mas precisa envolver caráter e carisma. Ela cresce na proporção em que nos unimos e cooperamos. Assim ela experimenta a edificação de si mesma, porque Cristo já deu a ela, por meio de cada um de nós, o que é necessário para esse crescimento. Mas cada um precisa cumprir a sua função. Cada um deve servir como seu dom. Ninguém é dispensável. Ninguém é suficiente sozinho. Na igreja não deve faltar o que Deus nos deu para ela.

Enquanto aprendemos a funcionar como Corpo de Cristo somos transformados. Somos aperfeiçoados. Não devemos estranhar as dificuldades dessa jornada e os problemas que aparecem. Isso acontece em razão de que estamos em aperfeiçoamento. O modo como enfrentamos esses desafios e dificuldades é parte fundamental do processo. É em meio a eles que devemos amar, ser pacientes, bondosos e misericordiosos. Jesus formou uma pequena igreja com 12 participantes. Ele, o pastor perfeito, não teve uma igreja perfeita. O que esperamos ter, sendo quem somos? Mas podemos seguir juntos, aprender juntos, crescer juntos e ser edificados juntos. Podemos melhorar e assim honrar a Cristo que tudo fez para que, unidos, sejamos uma poderosa expressão de Sua presença.

*ucs*

DOMINGO, 26 DE JUNHO

MEMORIZE ESTE VERSO!

*“Façam tudo com amor.” (1 Coríntios 16.4)*

As vezes me surpreendo com o fato de não haver memorizado alguns versos que encontro em minhas leituras bíblicas. Este é um deles. É tão simples e curto que posso dizer que, por tê-lo lido, já o tenho de cor. Com muito pouco esforço posso memorizar onde se localiza nas Escrituras. Mas continuo a me perguntar: por que não o memorizei antes? Por que não cresci sabendo de sua importância para a minha vida?! Se desde minha infância tivesse aprendido a seguir este princípio, quantas bênçãos teria colhido a mais? “Façam tudo com amor”. Paulo está encerrando sua primeira carta aos irmão de Corinto. Convido você a memorizar e lembrar-se deste verso ao longo desta semana. Escreva-lo e leia-o diariamente!

Na carta Aos Coríntios Paulo trata de diversos temas relacionados à vivencia daqueles irmãos. Destaca virtudes e ataca problemas. Reconhece e critica. Repreende e orienta. Ensina e exorta. Nela está o texto mais conhecido de todos os seus escritos: 1 Co 13.1-8, em que fala do amor e de sua centralidade. Onde afirma que, na fé cristã, se não há amor, não tem valor. O apóstolo João também dá a mesma ênfase em sua primeira carta. Ele declara que Deus é amor e que se alguém não sabe amar, não conhece a Deus (1 Jo 4.8). Ele não disse que o amor é Deus! Ele não divinizou o amor. Ele declarou o caráter amoroso de Deus e que isso é tão forte em Deus que, se o conheço, serei levado a amar.

Amar é uma atitude e envolve sentimentos, mas não é simplesmente um sentimento e nem sempre dependerá dele. E muito menos é um sentimento sobre o qual nenhum controle temos. Amar é tratar com amor, agir como quem ama. Algumas relações de amor necessariamente levam consigo sentimentos profundos, mas o amor é, sobretudo, uma decisão, um aprendizado, uma qualificação para a vida, uma atitude. As pessoas mais livres e felizes são as pessoas que amam mais. E a fé cristã é a fé do amor, pois nos pede para amar. Amar a Deus e ao próximo e a fazer todas as coisas com amor. É isso que embeleza a vida e dá sentido à fé. Faça tudo por amor. Por amor a Deus e às pessoas. Por amor a si mesmo também. Quem ama a Deus e ao próximo, saberá amar a si mesmo. São os que amam que glorificam a Deus. Ame.

*ucs*

SEGUNDA, 27 DE JUNHO

A PRIMAZIA DO AMOR

*“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, mas não tiver amor, nada serei. “Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, mas não tiver amor, nada disso me valerá.” (1 Coríntios 13.1-3)*

Se no mundo dos homens o máximo está na capacidade de realização, no Reino de Deus está no amor. A realização também é importante, mas não de qualquer forma, não por qualquer razão. No Reino de Deus é preciso amor. É o amor que dá valor a tudo mais. Se não há amor, não tem valor. Enquanto nos dividimos e nos orgulhamos de nossa própria ideia do que seja o sinal, a maior evidência de que estamos manifestando o poder e a presença de Deus, Paulo, de forma simples e direta, declara que tal evidência é o amor. Quando pessoas estão envolvidas com Deus e estão realizando Sua vontade neste mundo, a evidência é o amor.

Não é fácil para nós, que estamos acostumados e fomos treinados no mundo dos homens, seja o secular ou o religioso, aceitar e abraçar essa ideia. Estamos acostumados a construções, a conquistas, a aglomerações, a agitações e coisas assim. Essa grandiosidades próprias do nosso ego, que encantam nossos olhos e impressionam nossas mentes. A simplicidade do Reino de Deus e a centralidade do amor e das pessoas é uma grande quebra de paradigma. O mal entre nós afetou muitas coisas, mas nada foi tão afetado quanto nossa capacidade de amar. Mas Deus veio a nós em Cristo e nos amou. Estendeu a nós sua graça e deseja derrama o seu amor em nossos corações. É assim que redescobriremos a vida.

Não precisamos deixar de realizar, de aprender, de conhecer, de construir, mas não podemos continuar sem amar. E se alguma dessas coisas, em algum momento, conflitar com nosso dever de amar, o amor deve prevalecer, deve ser a nossa escolha. Deus escolheu amar e deseja nos ensinar como fazer isso. Não seremos capazes de viver neste mundo de forma isenta, sem nenhuma falha, mas podemos, apesar de nossas falhar, amar e crescer na capacidade de amar. E está justamente nisso o indicador de nossa estatura espiritual, de nossa maturidade. Portanto, escolha amar. Ame e ore pedindo a Deus que lhe ajude amar. Essa é a maior conquista espiritual da vida cristã.

*ucs*

TERÇA, 28 DE JUNHO

MORALIDADE SUSTENTÁVEL

*“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (1 Coríntios 13.4-7)*

Tenho lutado toda minha vida para viver uma vida correta, para ser capaz de agir como cristão. Não sou o único. Mas preciso confessar que minha história é marcada por muitos fracassos e de vários tipos. Não sou perfeito. Mais que isso: sou falho e culpado de muitos erros. Acredito que também não sou o único. Nas Escrituras encontramos diversos ensinamentos sobre retidão e também ensinamentos sobre o amor. E os dois são intimamente relacionados. Mas nem sempre percebemos isso! E pior: temos em nossa história uma ênfase na moralidade e uma falta de ênfase no amor. Resultado: fracasso em ambos! Esquecidos do amor, fracassamos na moralidade. Porque, na fé cristã, o amor é o fundamento de tudo mais.

Fracassamos em agir corretamente porque fracassamos em amar. Quanto mais e melhor amarmos, mais e melhor viveremos e agiremos. Seremos mais pacientes para lidar uns com os outros, evitaremos criar caso e resistiremos a agir de forma mesquinha devido a inveja, presunção ou orgulho. Quando tivermos problema com alguém (e temos!), escolheremos superar a mágoa em lugar de guarda-la na alma. Preferiremos a justiça à vantagem ou à vitória, pois não nos alegraremos com a injustiça. Preferiremos a verdade e aprenderemos a sofrer, se necessário, o que é uma grande sinal de maturidade neste mundo injusto. Creremos mais, saberemos esperar e estaremos capacitados a suportar a imprevisibilidade tanto quanto a lentidão que tantas vezes caracterizam a vida.

Precisamos reorientar nossas prioridades. No topo da lista precisa estar nossa decisão de aprender a amar. Amar é agir como quem ama. E quem ama não faz o mal contra o próximo. Quem ama sempre encontra razões para fazer as escolhas certas, num mundo com tantas pressões, em que mais se busca “o que dá certo”. O amor é o segredo da vida cristã e sua verdadeira evidência. A moralidade é apenas um ator coadjuvante, que depende das falas e das ações do principal, o amor. É amando que viveremos uma moralidade sustentável e cristã, que não nos consumirá com as lutas da autonegação, mas nos inspirará a doar, inclusive nos momentos em que precisamos nos negar. Não se trata de fazer tudo certo, mas de amar, e deixar que o amor nos conserte.

*ucs*

QUARTA, 29 DE JUNHO

O QUE, DE FATO, CONTA?

*“O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará.” (1 Coríntios 13.8)*

Temos nos dividido em muitos credos e religiões, em muitos seguimentos e tradições. Temos gastado tempo e energia com o que importa menos e esquecidos do que define tudo. Criamos rótulos de todos os tipos: temos os tradicionais e os pentecostais; temos os conservadores e os liberais; temos os amilenistas, os pré milenistas e os pós milenistas. Temos os sabáticos e os dominicais, os que aspergem e os que mergulham. E todos queremos ter razão. São muitos os pontos em que divergimos, mas nenhum deles seria, de fato, um problema, se todos convergíssemos para o ponto central e fundamental da fé cristã: o amor.

A fé cristã é a fé numa pessoa: Jesus Cristo. E a fé que Jesus nos ensinou é a fé que leva ao amor de Deus e a responder a este amor, aceitando-o. A evidência de que respondemos é que aceitamos o compromisso de amar, tanto a Deus como ao próximo. Se amamos a Deus reconhecemos o Seu lugar em nossa vida e o amamos com todo meu coração, entendimento, alma e forças. E se amamos o próximo, o valorizamos, respeitamos, amando-o com a nós mesmos. Jesus explicou que este “próximo” é todo ser humano: amigos e inimigos; quem nos ajuda e quem nos atrapalha; quem conhecemos e quem não conhecemos; quem nasceu na mesma rua que nós e quem nasceu do outro lado do mundo; aquele cuja cor da pele é parecida com a nossa e aquele que tem outra cor em sua pele. Um cristão crê, mas só crê como cristão quem ama.

A despeito do estilo de um cristão ou de uma igreja cristã, ambos apenas estarão existindo como cristãos, realmente, se o amor for o fundamento e o orientador de suas vidas. Não importa quanta profecia, poder, milagre, conhecimento, doutrina, teologia tenhamos. Sem amor, tanto a pessoa quanto a igreja serão espiritualmente vazias aos olhos de Deus. Como os cristãos da igreja de Laodicéia, sem amor, seremos miseráveis, pobres, cegos e nus, pensado que somos ricos (Ap 3.17). O que nos impressiona, não impressiona a Deus. Seus caminhos são diferentes dos nossos, bem como Seus pensamentos. Enquanto o amor não nos dominar, enquanto não aprendermos a viver reconhecendo o lugar de Deus e do próximo em nossa vida, estaremos iludidos em nossa fé. Até poderemos ter uma boa fé religiosa, mas ela não será, de fato, cristã. Pois o que, de fato, conta, é o amor. É ele que dá sentido à fé.

*ucs*

QUINTA, 30 DE JUNHO

MATURIDADE

*“Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino.”*

*(1 Coríntios 13.11)*

Precisamos amadurecer. Isso é verdade para todo ser humano, em todas as áreas da vida, durante todo o tempo de vida. Amadurecer, entre outras coisas, significa ser capaz de lidar melhor com a vida, acertar mais nas prioridades e crescer em discernimento e sensatez. Amadurecer nem sempre será um processo natural, mas sim o fruto de escolhas e mudanças pelas quais optamos. As experiências serão importantes, mas não serão determinantes. Assim como o tempo. Mesmo com o passar do tempo e mesmo vivendo experiências, há pessoas fixadas em sua imaturidade, especialmente no campo espiritual. Maturidade espiritual não é um título e não depende de nosso desempenho religioso, do quanto sabemos fazer alguma coisa na igreja. Paulo está falando neste verso sobre maturidade. E seu tema é a maturidade espiritual.

A leitura da carta nos mostra o apóstolo ensinando e exortando os cristãos de Corinto na maneira como estavam vivendo sua espiritualidade, sua fé. Ele orienta sobre o modo como deveriam praticar a Ceia do Senhor, lidar com os falhas uns dos outros e como deveriam organizar suas reuniões. Fala de dons espirituais, línguas, profecias, revelações, e sobre o lugar de tudo isso na igreja. Mas chega um momento em que diz: mas há algo melhor que tudo isso, mais excelente, mais importante: o amor (1Co 12.31). Sem amor, tudo o mais perderia o sentido sem amor e não teria valor algum (1Co 13.1-3). Paulo fala do amor como o aspecto essencial da fé cristã e, por isso, o sinal da maturidade espiritual. Ao dizer “quando me tornei homem abandonei as coisas de menino”, Paulo estava falando sobre isso. Pessoas espiritualmente maduras são pessoas que amam.

Deus tem dons e vocações para cada cristão. Mas o amor é o dom e a vocação de todo cristão. Uma igreja pode existir sem manifestações sobrenaturais ou miraculosas e ainda assim ser uma igreja que honra a Cristo e manifesta o Reino de Deus. Mas se na igreja não houver amor, ainda que haja todo o resto, ela não honrará a Cristo e não manifestará o Reino de Deus. O mesmo aplica-se a cada cristão. Por isso o que devemos buscar é o amor. Nosso esforço deve ser o esforço para aprender a amar. O que mais Deus desejar nos dar, Ele dará. E será uma grande benção. Há pessoas buscando poder em lugar do amor. Seja o poder da posição, do dom ou do conhecimento, qualquer poder é um perigo nas mãos de uma criança! Um perigo para ela mesma e para os demais. Busquemos o amor e deixemos que seu poder nos transforme! Assim, tudo mais será uma bênção!

*ucs*